



DA IMAGEM ERÓTICA E/OU PORNOGRÁFICA NO SONETO *AMOR FIEL*, DE GREGÓRIO DE MATOS

Victória Kaylânne Leonel Teixeira¹

Maria Rita Fernandes Freire²

Filipe Coelho dos Santos³

Bernardo Pereira de Sousa⁴

Rafael Francisco Braz⁵

RESUMO

Na perspectiva do barroco, ocorre à prevalência de uma estrutura interna que é formada pelo dualismo, a partir dessa noção são perceptíveis às unidades de estilo, em especial, ao erotismo nas obras de Gregório de Matos e, especial, na lírica que teve como influência Gôngora e Quevedo. Além disso, observa-se nas suas composições nas quais há mesclas com a religiosidade, misticismo que gera, também, um naturalismo sensual. Nesse sentido, é importante nos atentarmos a discussão entre a diferenciação que acontece entre o erótico e/ou pornográfico, além de estabelecer a relevância do vocabulário obsceno presente nas obras em que traz uma significação e subversão de muitos conceitos. Ao se manter sobre esse recorte de temáticas, não podemos modificar o fato de separar a realidade da fabulação e considerar a importância do vocabulário obsceno no sentido da realidade. Portanto, neste artigo, é propor uma investigação sobre o soneto *Amor Fiel*, de Gregório de Matos, com o intuito de analisar a temática de sexualidade, integrando as concepções de erótico e/ou pornográfico e as representações de léxicos obscenos. Para atingir ao objetivo deste artigo, tomamos como metodologia de cunho qualitativo e de caráter bibliográfico-descritivo (PAIVA, 2019). Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postos por Castello (2004), Coutinho (2007), Candido (2009), Pontes (2021) e Bosi (2022) Moraes (1985), Bachelard (1989) e Paz (1994), que se referem aos estudos sobre o barroco brasileiro, amor e sexualidade. A análise nos mostra que o soneto *Amor Fiel* é marcado de postulados sobre o erótico e as peculiaridades em sua composição formal, assim, o estudo realizado intensifica a discussão sobre o erótico e/ou pornográfico e a estética sobre a suposição de um amor que é idealizado, assim, demonstra o conjunto de condições antitéticas entre a atração/escolha, fidelidade/traição, corpo/alma.

Palavras-chave: sexualidade, Gregório de Matos, *Amor Fiel*, erotismo, barroco.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, victoria.kaylanne@estudante.ufcg.edu.br ;

² Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, rita.fernandes@estudante.ufcg.edu.br

³ Graduando do Curso de Letras Português da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, filipe.coelho@estudante.ufcg.edu.br;

⁴ Graduando do Curso de Letras Inglês da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, bernardo.perreira@estudante.ufcg.edu.br;

⁵ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, rafael.francisco@professor.ufcg.edu.br

INTRODUÇÃO

Na perspectiva do barroco, ocorre a prevalência de uma estrutura interna que é formada pelo dualismo, a partir dessa noção é perceptível as unidades de estilo, em especial, ao erotismo nas obras de Gregório de Matos e, especial, na lírica que teve como influência Gôngora e Quevedo. Além disso, observa-se nas suas composições nas quais há mesclas com a religiosidade, misticismo, assim, gerando, também, um naturalismo sensual.

Nesse sentido, é importante nos atentarmos a discussão entre a diferenciação que acontece entre o erótico e/ou pornográfico, além de estabelecer a relevância do vocabulário obsceno presente nas obras em que traz uma significação e subversão de muitos conceitos. Ao se manter sobre esse recorte de temáticas, não podemos modificar o fato de separar a realidade da fabulação e considerar a importância do vocabulário obsceno no sentido da realidade.

Portanto, neste artigo, é propor uma investigação sobre o soneto *Amor Fiel*, de Gregório de Matos, com o intuito de analisar essa poesia, por meio dos aspectos barrocos em Gregório de Matos e sobre a temática de sexualidade, integrando as concepções de erótico e/ou pornográfico e as representações de léxicos obscenos, logo, verificando o teor significativo da poesia erótica do autor.

Para atingir ao objetivo pré-estabelecido, tomamos como metodologia de cunho qualitativo o Manual da Pesquisa em Estudos Linguísticos, que de acordo com Paiva (2019, p. 59) “é [...] entendida prioritariamente como revisão da literatura é parte essencial de qualquer modalidade de pesquisa. [...] tem por objetivo contextualizar uma pesquisa e mostrar o que existe sobre o objeto investigado”.

O soneto *Amor Fiel*, trata-se da questão da imagem do amor do eu-lírico comparada com a mariposa. Desse modo, realizando uma comparação da atração da mariposa pelo fogo e do eu-lírico por seu amor e a devassidão ocorrida no decorrer desse cenário, além de explicitar ao final a diferença entre eles.

Gregório de Matos e Guerra nasceu na Bahia, em 1636. Foi um homem com adequada formação humanística, doutor *in utroque jure* pela Universidade de Coimbra, apresentava em suas obras uma linguagem satírica, por isso a denominação “Boca do Inferno”. Tipicamente, suas obras são divididas em quatro bases temáticas: a poesia religiosa, lírica, satírica e a poesia erótica. Suas obras e sua técnica estilística adequam-se ao dualismo barroco.

Sendo assim, justificamos a pesquisa pela falta de aprofundamento nos estudos analíticos nas poesias de caráter erótico e também pelos equívocos cometidos ao afirmarem o



teor erótico e/ou pornográfico das produções, em razão de que muitas vezes o entendimento é realizado de forma incoerente pelo que se é expresso nos vocábulos utilizados. Desse modo, a complexa temática envolvendo o amor e a sexualidade que é visto no soneto Amor Fiel, contribuiria para a formação literária dos leitores.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postos por Castello (2004), Coutinho (2007), Candido (2009), Pontes (2021) e Bosi (2022), que se referem aos estudos sobre o Barroco Brasileiro e ao Gregório de Matos. Nos estudos de conceituação para a análise e explicação dos artefatos do soneto Amor Fiel, utilizamos Moraes (1985), Bachelard (1989) e Paz (1994).

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em três unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos sobre a fundamentação teórica do barroco em Gregório de Matos, alicerçado nos teóricos já mencionados. Na terceira unidade, consideremos o *corpus* de análise para discussão e apontamentos, a partir de conceituações dos teóricos e argumentação sobre o soneto Amor Fiel. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizados e as referências usadas.

BREVE APONTAMENTOS SOBRE O BARROCO NO BRASIL

O Barroco está enraizado desde o século XVI e seguiu empacotado pela experiência no renascentismo. É notável, que o Barroco no Brasil emerge, a partir do Barroquismo Ocidental com as manifestações de Contrarreforma que foram instauradas e, assim, observar-se um barroco-jesuítico que se tratando de exposições ideológicas e por intermédio disso, verifica-se a etimologia do barroco.

A etimologia de “barroco” tem suscitado muita controvérsia. Acreditam uns na origem ibérica, espanhola – “barrueco”, ou portuguesa – “barroco”, designando uma pérola de superfície irregular. Para outros, como Agostinho de Campos (*Glossário*, p.55), a forma “barroco” é, não só a original, como a legitimamente lusa, em vez de afrancesada “baroco” (Coutinho, 2007, p. 89).

Neste sentido, a origem etimológica do termo “barroco” é incerta, pois apresenta muitas constatações, assim, o vocábulo foi delineado por muitos críticos a algo associado a questões negativas, já que era uma tendência posterior ao Renascimento. Dessa forma, os elementos do barroco representam de maneira concisa a particularidade da origem da palavra “barroco”.



A esse respeito, Coutinho (2007, p. 90) define que “a arte barroca foi revalidada, não mais concebendo-se como uma expressão degenerada, antes como forma peculiar de um período da história da cultura moderna, com valor estético e significado próprios”. Desta maneira, a estética barroca obteve reconhecimento, e se antes era dita de forma pejorativa, agora é considerada com definição precisa na história e cultura literária, além de desenvolver-se não como uma decadência, mas como sendo um estilo promissor.

Desse modo, é visível que o barroco exhibe uma arte envolvida em sensibilidades e dualismos e não mais abordada como forma inferior, entretanto, são difundidos seus elementos próprios. “A conceituação moderna de Barroco não o limita à acepção tradicional de conceptismo, culteranismo, marinismo, preciosismo, gongorismo, etc., que encerravam um sentido pejorativo.” (Coutinho, 2007, p. 112)

Para tanto, as características do movimento barroco admitem o que é visual é composto por uma profundidade de sentidos, e a estética barroca se reverbera por todas as manifestações de arte, ademais, a questão que se impõe sobre a autonomia de uma literatura brasileira em comparação com uma literatura portuguesa, logo a distinção de um barroco português/brasileiro é explicado pelo pensamento do autor:

A nossa literatura é ramo da portuguesa; pode-se considerá-la independente desde Gregório de Matos ou após Gonçalves Dias e José de Alencar, segundo a perspectiva adotada. [...] Elas se unem tão intimamente, em todo o caso, até meados do século XIX, que utilizo em mais de um passo, para indicar esse fato a expressão “literatura comum” (brasileira e portuguesa) (Candido, 2009, p. 30).

Em seu estudo, Bosi (2022) classifica o barroco brasileiro, a partir das seguintes distinções: a) ecos da poesia barroca na vida colonial (Gregório, Botelho e as academias) e b) um estilo colonial-barroco nas artes plásticas e na música, só se tornou uma realidade cultural quando a exploração das minas permitiu o florescimento de núcleos como Vila Rica, Sabará, Mariana, São João d’El Rei, Diamantina, ou deu vida nova a velhas cidades quinhentistas como Salvador, Recife, Olinda e Rio de Janeiro.

Nesse sentido, o teórico Bosi (2022) propõe que a inserção da poesia barroca no seio da cultura brasileira teve início, a partir do convívio colonial que propiciou o fortalecimento do estilo barroco, não somente nas produções escritas, mas em todos os núcleos artísticos e arquitetônicos da época. Mediante isso, o barroco teve muitos artistas, essencialmente mencionamos o que teve maior representatividade em bases temáticas no seu período.



Gregório foi um misto de homem de letras e de cantador popular; ao mesmo tempo em que se esmerava em indicar a posse de cultura ampla, que parece não ter realmente dominado, buscava aproximar-se dos motivos triviais, rolando para o nível da vulgaridade mais simplória. Aparentemente paradoxal, nesses violentos contrastes, Gregório de Matos é mais do que uma figura e um autor porque retrata, sob muitos aspectos, e tipifica, em quase toda a sua obra, o meio e o tempo (Sodré, 1982, p. 85-86 *apud* Pontes, 2021, p.77).

Por esse ângulo, a estilística de Gregório de Matos representa o autor que ele era e, também, a influência que o período regente teve em suas composições, pois em sua poesia utilizava-se de recursos que maximizavam a intensidade de repercussão das suas obras. Além de que seu estilo de escrita usava muitos implementos da sátira social e individual, como também o deboche para denunciar os impasses que ocorriam na sociedade.

A esse respeito, Castello (2004, p. 81) define que “o satírico que se degrada com o meio social, ao mesmo tempo que o crítico, e o lírico que se reabilita espiritualmente marcariam, portanto, com fundamento na conduta pessoal e na formação intelectual, o dualismo [...]”. Assim, essas formas caracterizam a personalidade e literariedade de Gregório de Matos que usufruía de contradições no feitiço de suas obras para promovê-las.

Desse modo, a poesia erótica se adequa ao Barroquismo de Gregório de Matos, porque além de apresentarem figuras de linguagem, como antíteses, paradoxos que aprimoram o texto e estão presentes em todos os estilos das produções, observamos o âmbito dualista em sua poesia, pois a “sua alma era dominada pelo dualismo barroco: mistura de religiosidade e sensualismo, de misticismo e erotismo, de valores terrenos e carnavais e de aspirações espirituais.” (Coutinho, 2007, p. 116).

Para tanto, a literatura barroca, expõe os aspectos relevantes ao erotismo e, também, os elementos psicológicos que integram a formação da poesia erótica e que envolve outros pontos como a religiosidade e o misticismo. Dessarte, as composições eróticas tem fatores como a intensidade de amores exagerados, presença de comparações, desejo sexual elevado em que pode-se produzir excessos de emoções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A poesia erótica de Gregório de Matos, em particular, o soneto Amor Fiel, remete a uma relação implícita entre a sexualidade e o amor. Desse modo, a discussão de diferenciação entre o que seja erótico e/ou pornográfico é recorrente no soneto e, também, o uso de vocabulários com palavras obscenas que trazem ambiguidades e significações a poesia



estudada, nos fragmentos da poética contidas no texto, é notável expressões que apontam o dualismo e as questões psicológicas do estilo barroco.

Ó tu do meu amor fiel traslado
Mariposa entre as chamas consumida,
Pois se à força do ardor perdes a vida,
A violência do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim hás encontrado,
Essa flama girando apeteçada;
Eu girando uma penha endurecida,
No fogo que exalou, morro abrasado.

Ambos de firmes anelando chamas,
Tu a vida deixas, eu a morte imploro
Nas constâncias iguais, iguais nas chamas.

Mas ai! que a diferença entre nós choro,
Pois acabando tu ao fogo, que amas,
Eu morro, sem chegar à luz, que adoro⁶.

O soneto Amor Fiel, refere-se a uma paixão traída, em que ocorre infidelidade e essa violência de amar vai se desfazendo nas chamas que sugere contrastes, seja pela vida/morte, chama/dor, assim, a comparação com a mariposa articula essa intenção de dissolução dos desejos, em razão de que o amor se desfaz pela traição, além de descrever a distinção entre o eu-lírico e a mariposa e seus respectivos fins. Conforme se observa no trecho, a seguir: “Mas aí! que a diferença entre nós choro/Pois acabando tu ao fogo, que amas, / Eu morro, sem chegar à luz, que adoro”.

Notamos que esse trecho do soneto Amor Fiel, afirma essa distinção, o dualismo que ocorre entre a mariposa e o eu-lírico. Outro elemento essencial é o vocábulo “fogo”, que pode aludir a chama do amor ou da destruição que na literatura podemos explicitar toda uma fantasia, a partir desses componentes lexicais, por conseguinte as palavras obscenas evocam a termos referentes e agem como substitutos.

O aspecto poético de uma fantasia nos faz conformarmo-nos com esse psiquismo dourado que mantém a consciência desperta. As fantasias diante da vela se constituirão em quadros. A chama nos manterá nessa consciência da fantasia que nos mantém acordados. Dorme-se diante do fogo. Não se dorme diante da chama de uma vela. (Bachelard, 1989, p. 17).

⁶ poema retirado do site <<https://www.pensador.com/frase/Mzg4OTUw/>> acessado em: 29 jan 2023, às 18:07

Neste sentido, a chama concretiza uma imagem simbólica, pois consome os desejos sexuais mais extravagantes; no terceiro verso do poema “Pois se à força do ardor perdes a vida”, a chama da pulsão sexual liquida a vida e se perde no “fogo”, esse enigma interrompe o ser que sonha com o amor e se destrói no furor da perda de sua paixão, com a ausência do corpo erótico que lhe traria prazer nessa fantasia do amor concebido e depois perdido.

Por essa ótica, Bachelard (1989, p.36), argumenta que “A chama não é mais um objeto de percepção. Transformou-se em um objeto *filosófico*. Então tudo é possível”. Desse modo, a traição entristece o sujeito lírico e por não ter o seu amor correspondido se perde entre a duplicidade do amor e morte, consolidando assim, a relação entre o corpo e o espírito que se declinam diante do fogo que prostra essa paixão.

Observamos que no nono verso do soneto, “Ambos de firmes anelando chamas”, pensa-se na vida e morte, pois a fantasia desta chama é vacilante, assim enquanto essa luz pode reacender o amor, também pode queimar e levar a ruína, no soneto reporta-se à semelhança de destruição da mariposa e do eu-lírico, com isso, a chama tem uma fundamental função que é queimar a mariposa e metaforicamente quebras as perspectivas do sonhador o eu-lírico.

Dessa forma, no soneto Amor Fiel, os vocábulos obscenos se mostram implícitos, por isso o sentimento do amor marca uma plenitude, como afirma Paz (1994, p.69), “O amor é desejo de *completude* e assim responde a uma necessidade profunda dos homens”, porém é evidente que não podemos deixar ausentes os aspectos da sexualidade que também integram a formação do amor, conjuntamente trabalhado o amor erótico ou pornográfico.

A esse respeito, Moraes e Lapeiz (1985, p.07) definem que “A palavra pornografia provém do grego *pornographos*, que significa literalmente ‘escritos sobre prostitutas’. Assim, em seu sentido original a palavra refere-se à descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e dos seus clientes”. Dessa maneira, a pornografia atua em duas vertentes como massa de mercado e na consolidação da arte erótica, ou seja, em novas representações de sexo.

Destarte, enquanto o pornográfico mostra tudo, o erótico somente sugere, por isto, só podemos definir a pornografia estando fora dela no seu exterior, pois ela representa um conhecimento. Nessa perspectiva, falar de pornografia é estar à mercê do que lhe é oposto, a censura, assim, é notável que a pornografia está por toda a parte e também representa um divertimento que é posto como um subterfúgio.

Desse modo, enunciou no soneto em análise, o impasse da amada que corresponde a luz e o eu-lírico que é abrasado pelas chamas da paixão, não sendo correspondido, assim, o



objeto erótico ocupa uma posição inferior, pois de acordo com Paz (1994, p. 113) “O paradoxo da servidão também se apoia em outro mistério: a transformação do objeto erótico em pessoa o converte imediatamente em sujeito dono de livre-arbítrio. O objeto que desejo se torna sujeito que me deseja ou me rejeita.”

Nesse contexto, a sexualidade está emergida no subconsciente do eu-lírico e abrange vários fatores nos quais atua na infelicidade do sujeito lírico de não conceber o seu amor e ficar contido na posição de vassalo, ou seja, dependente e subordinado por uma paixão, assim, pelo fato de sua amada o rejeitar, o erotismo altera o estímulo sexual e por isso, o amor acaba sendo violentamente extinguido pelo fogo significando a sua morte.

A sexualidade é animal; o erotismo é humano. É um fenômeno que se manifesta dentro de uma sociedade e que consiste, essencialmente, em desviar ou mudar o impulso sexual reprodutor e transformá-lo numa representação. O amor, por sua vez, também é cerimônia e representação, mas é alguma coisa mais: uma purificação, como diziam os provençais, que transforma o sujeito e o objeto do encontro erótico em pessoas únicas. O amor é a metáfora final da sexualidade. Sua pedra de fundação é a liberdade: o mistério da pessoa. (Paz, 1994, p. 97).

Neste sentido, o amor é a realização final da sexualidade, mas ela é o traço essencial para o erotismo e pornografia, conseqüentemente, todos os conceitos estão interligados e para defini-los vai mais para o sentido de quem lê ou olha. Desse modo, como afirmam Moraes Lapeiz (1985, p. 08), “[...] possamos encontrar o sentido da pornografia, se estendida como o discurso por excelência veiculador do obsceno: daquilo que se mostra e deveria ser escondido.”

Portanto, o vocabulário obsceno demonstra a “coisa em si”, o que estar fora de cena e expressa a imagem do indesejável sexo fora do lugar, além disso, é importante entender o processo de fabulação e criação do obsceno como linguagem na arte e a autonomia que incita o desejo pelo real através de uma “linguagem técnica”, assim mesmo estando subjacente muitas expressões do soneto Amor Fiel, estão nessa obscenidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos nesse ensaio investigar sobre a temática da poesia erótica em Gregório de Matos, e os aspectos distintivos entre o erótico ou pornográfico e sobre a presença do vocábulo obsceno. Para tal, inicialmente, analisamos os conceitos da poesia erótica no soneto



Amor Fiel, e apresentando a relevância das características do poema, a partir do pensamento dos autores Moraes (1985), Bachelard (1989) e Paz (1994).

O percurso teórico-metodológico por qual seguimos foi orientado pela seção retórica proposição do tema a respeito do erotismo na poesia gregoriana, seguindo o pensamento dos autores Eliane Robert Moraes (1985), Gaston Bachelard (1989) e Octavio Paz (1994). Desse modo, a partir da análise realizada com fragmentos do soneto Amor Fiel, analisando as conjecturas do poema, pois constatamos que a poesia expõe implicitamente o léxico obscuro e o erótico.

Logo, para essa constatação apontou também que as escolhas, em relação ao léxico que exibem a questão do obscuro acerca do dualismo entre vida e morte e a significação sobre as chamas que recorrem a ambiguidade na produção do texto vai resultando possivelmente, na concepção da perda do eu-lírico, pois não concebeu a sua paixão pela amada e se esvai através do fogo por não alcançar o seu objeto de desejo.

Essa afirmação reforça que o texto expõe a princípio os resquícios que a escola barroca deixou nas produções de Gregório de Matos e a observação sobre as especificidades do erótico ou pornográfico no soneto Amor Fiel. Ressaltamos, aqui, a presença de comparações entre o eu-lírico e a mariposa mostrando o sentido do fogo que os abraçou e marcou os seus fins distintivamente.

Para tanto, a partir da análise do soneto Amor Fiel, foi observado no poema a marca de postulados sobre o erótico e as peculiaridades em sua composição, assim o estudo realizado intensifica a discussão sobre o erótico ou pornográfico e a estética sobre a suposição de um amor que é idealizado, assim, demonstra o conjunto de condições antitéticas entre a atração/escolha, fidelidade/traição, corpo/alma.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a poesia erótica, no que diz respeito a uma maior assimilação de sonetos com teor erótico, visto a importância desses estudos, para a interpretação das ambiguidades de palavras obscenas. Portanto, para finalizar, esperamos que este ensaio possa contribuir para as investigações existentes, e servir de base e provocação para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. - Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.



BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** / Alfredo Bosi - 54. ed. - São Paulo: Cultrix, 2022.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.** - 12ª ed. - Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade.** – ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** 19ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia.** - São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2019.

PAZ, Octavio. **A dupla chama.** tradução Wladir Dupont. - São Paulo; Siciliano, 1994.

PONTES, Carlos Gildemar. **Crítica da razão mestiça: hibridização e desordem na formação da identidade brasileira.** - Fortaleza: Edições Acauã, 2021.